

A transitividade dos processos verbais *afirmar* e *dizer* e a construção de opinião no gênero notícia

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da transitividade dos processos verbais *afirmar* e *dizer* sob a perspectiva sistêmico-funcional (LSF) a fim de evidenciar como a inserção desses verbos na notícia jornalística pode revelar estratégias argumentativas que negam, *a priori*, o caráter puramente informativo deste gênero. Para realizar as análises, constituímos um *corpus* formado por 105 ocorrências dos verbos ligados à natureza do dizer retirados de 30 notícias veiculadas em seis jornais brasileiros. Verificamos que os processos *afirmar* e *dizer* aparecem em 89% das ocorrências dos verbos de comunicação e servem para atender a estratégias de veicular opiniões e construir argumentação em torno do fato noticiado. Constatamos que o uso desses verbos cumpre a função de: 1) ratificar informações; 2) (des)responsabilizar ações e 3) engajar estrategicamente o *dizente*.

PALAVRAS-CHAVE: Notícia. Transitividade. Verbos de comunicação. Linguística sistêmico-funcional.

Thyago André de Souza
thyago-andre@hotmail.com
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil.

Cleber Ataíde
cleberataide@gmail.com
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil.

INTRODUÇÃO

A notícia é conhecida como um gênero *informativo* do domínio discursivo jornalístico pertencente à ordem do relatar e com um modo próprio de organização. Diferentemente de outros gêneros jornalísticos como o artigo de opinião e o editorial classificados como *gêneros de comentários* que visam valer um julgamento sobre um determinado tema, a notícia assume um caráter mais narrativo expositivo porque tende a relatar acontecimentos do cotidiano das pessoas, das entidades públicas e dos fatos da sociedade em geral (VAN DIJK, 1992). Esse enquadramento é bastante difundido em manuais que se prestam a instruir a escrita desses gêneros. O jornal *O Estado de São Paulo* (SP), por exemplo, em seu manual de redação e estilo, orienta que o jornalista elabore “textos imparciais e objetivos” e que “não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões”. As orientações do *Jornal do Commercio* (PE) e da *Folha de São Paulo* (SP) também destacam a importância desse princípio. Prescrevem os jornais que “a notícia deve ser redigida de forma impessoal, sem que o jornalista se inclua nela ou adote a primeira pessoa do plural em frases que a dispensam” (MARTINS E FILHO, 1997, p. 142) e que “o autor (de notícias) pode e deve interpretar os fatos, estabelecer analogias e apontar contradições, desde que sustente sua interpretação no próprio texto. Deve abster-se de opinar, exceto em artigo ou crítica” (*ibid*).

Ainda nesses manuais, a notícia ora é incluída como gênero informativo, ora como técnica de redação. Acrescentam que o texto noticioso deve responder a seis perguntas básicas que indicam os agentes envolvidos, as causas e as circunstâncias do fato relatado: *Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? e Como?*. Esses elementos podem ser escritos na organização do texto, segundo os manuais, de acordo com o elemento que queira valorizar. Essa técnica, chamada de *pirâmide invertida*, consiste em iniciar a notícia pelos fatos mais culminantes, seguidos pelos fatos importantes, pormenores interessantes e detalhes dispensáveis. Essa técnica, segundo os manuais, garante a objetividade jornalista e o distanciamento crítico do jornalista.

Como percebemos, é unânime a diferenciação entre os textos informativos e de opinião. Isso, segundo Melo (1994), está ligado à necessidade sociopolítica, a qual foi historicamente construída, de distinguir os fatos (*news/stories*) de comentários (*comments*). Por isso, os teóricos da comunicação classificaram a produção jornalista de *jornalismo informativo* e *jornalismo opinativo*. De um lado, estariam os textos que têm a função de divulgar informações como a notícia, reportagem e entrevista, do outro lado, estariam os que cumprem a função de comentar as informações divulgadas, como o editorial, a coluna, a carta do leitor, a charge entre outros.

Diferente da teoria da comunicação, a nossa perspectiva de compreensão sobre os textos jornalísticos vai em outra direção. Assim como Nascimento (2009), acreditamos que existem níveis de engajamento nos textos jornalísticos e, por isso, em maior ou menor grau, a argumentação e a subjetividade da linguagem estão presente em todos os gêneros produzidos nesta esfera discursiva. Portanto, a notícia, a nosso ver, é um gênero do discurso, reconhecido socio-historicamente pelos profissionais do jornalismo e pelos seus leitores, que possui a função social de relatar fatos e acontecimentos por um ponto de vista. Assumimos também que as notícias apresentam estratégias de textualização relativamente estáveis, como a introdução de discursos reportados, que possibilitam a reavaliação do seu caráter pretensamente informativo e impessoal por meio de escolhas léxico-gramaticais.

ATAÍDE; TRAVASSOS (2018) defendem que o discurso reportado é uma estratégia textual que se repete na produção de notícia para garantir a imparcialidade e/ou mostrar pontos de vistas diferentes, já que o reporte, em sua atividade profissional, deve entrevistar um grande número de pessoas para obter informações sobre os fatos que serão relatados. Sendo assim, o objetivo principal deste artigo é defender a hipótese de que, no gênero notícia, os jornalistas utilizam, entre outras estratégias discursivas, como, por exemplo, o uso do discurso reportado codificados pelos verbos de comunicação tais como *dizer*, *afirmar*, *responder*, para marcar a opinião nos textos considerados meramente informativos (ATAÍDE; TRAVASSOS (2018)). Isso quer dizer que consideramos a notícia como também um gênero que transmite opinião, mesmo que de maneira implícita. Para apresentar essa discussão, este artigo está dividido em duas grandes seções. Na primeira, expomos sumariamente a noção de transitividade da oração com base na Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday e Matthiessen (2004) e, na segunda, descrevemos resultados revelados a partir da análise quantitativa e qualitativa dos processos verbais *afirmar* e *dizer*.

1. A TRANSITIVIDADE DOS VERBOS DE COMUNICAÇÃO

Halliday & Matthiessen (2004), na perspectiva sistêmico-funcional de funcionamento da língua, dividiu em três as (meta)funções que constituem os principais propósitos de uso da língua no seu contexto de realização e na produção de significados: *ideacional*, *interpessoal* e *textual*. A primeira (*ideacional*) se relaciona com a capacidade de representar e/ou construir significados frutos da experiência exterior e interior que temos pela linguagem por meio do sistema de transitividade, em um nível léxico-gramatical. A segunda (*interpessoal*) é realizada, também, no nível léxico-gramatical, através do sistema de modo e modalidade. Trata da interação e dos papéis assumidos pelos usuários para constituição e manutenção das relações sociais, revelando nossos significados sobre o mundo. A terceira (*textual*) se estabelece pelo fluxo de informação na organização do texto a partir do sistema de tema e rema.

Em comum com essas três metafunções, está a interpretação de que o sistema semântico compreende todo o sistema de significados da língua, e que a oração, como unidade básica na análise léxico-gramatical, é consolidada por três significados: *representação* (significado como conteúdo), *troca* (significado como forma de ação) e *mensagem* (significado como relevância para o contexto). Como nosso objetivo é defender a hipótese de que, a partir dos *verbos de comunicação*, é possível emitir opinião em um gênero predominantemente neutro de subjetividade, tratamos de apresentar o sistema de transitividade com base na perspectiva hallidayana, a qual se enquadra no nível semântico *ideacional* da linguagem.

A transitividade sob o foco da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) está ligada à representação das ideias, das experiências que temos no mundo real, incluindo também as do mundo interior que vêm da nossa consciência. É compreendida como a gramática da oração, como “uma unidade estrutural que serve para expressar uma gama particular de significados ideacionais e cognitivos” (FURTADO DA CUNHA E SOUZA, 2007, p. 53). Nessa gramática da oração, encontramos as ações e atividades humanas (os atos de *agir*, *dizer*, *sentir*, *ser* e *ter*) que pelo discurso são expressas para falar de pessoas, de objetos, de qualidades, de abstrações e de outros fatores que complementam as relações existenciais. Os

principais componentes da transitividade funcionalista, responsáveis pela identificação dessas ações são: os *processos* (atividades realizadas, em geral, por verbos), *participantes* (entidades representadas por substantivos, ou até adjetivos), e *circunstâncias* (componentes codificados por advérbios ou expressões adverbiais) e que permitem analisar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias*.

Para Halliday & Matthiessen (2004), o mais importante participante na transitividade é o verbo, os chamados processos. Esse, por sua vez, se divide em seis tipos: *materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais*. Os três primeiros estão em escala dos mais importantes, enquanto os três últimos numa divisão secundária. Cada processo associa-se a componentes específicos e distintos que são interligados pela semântica dos verbos. Como o nosso interesse é evidenciar traços de subjetividade no gênero notícia jornalística a partir da inserção dos *verbos de comunicação*, cabe-nos, nesta seção, descrever a transitividade desse tipo de predicador. Podemos definir os processos *verbais* como os predicadores que acionam o dizer e que são responsáveis por ativar o comunicar, o apontar o discurso do outro. Nesse tipo de processo, três participantes são fundamentais: (1) *dizente* é o participante principal, pois é ele quem afirma, diz, aponta, comunica; (2) *receptor* é o que desempenha a função de participante opcional, ao qual o processo verbal se destina; (3) *verbiagem* é o participante que absorve o que é dito, codifica a mensagem, o comunicado. Pode ser representado tanto pelo discurso direto quanto pelo discurso indireto. Halliday & Matthiessen (2004) afirmam que esse tipo de processo contribui para a criação da narrativa porque torna possível estabelecer passagens dialógicas em narrativas escritas.

Esse tipo de processo, como poderemos ver na sequência desse trabalho, é uma das estratégias que jornalistas, redatores e editores utilizam no gênero notícia para sutilmente revelar seu posicionamento a respeito de determinado assunto ou fato, por mais que empresas de comunicação recomendem evitar esse tipo de idiosincrasia. Isso acontece porque a inserção do discurso direto ou do discurso indireto na notícia tem a função de incluir na narrativa escrita *outras vozes* que podem reforçar a colocação de quem a escreve, redige ou supervisiona a produção jornalística. Na próxima seção, expomos os procedimentos metodológicos e os resultados na nossa investigação das notícias jornalísticas.

2. A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* desta pesquisa é formado por 30 notícias coletadas em jornais impressos do país, através da sua página na rede mundial de computadores. Os periódicos considerados foram: *Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco, Jornal do Commercio, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo*. As notícias recolhidas foram publicadas entre os meses de dezembro de 2013 e janeiro de 2014 e versam sobre o tema política.

Para análise quantitativa, selecionamos os contextos de usos dos verbos do universo de comunicação levando em consideração seus participantes (*dizente e verbiagem*). Isso permitiu encontrar 105 ocorrências de utilização desses verbos. Para analisar os participantes dos processos verbais, utilizamos a classificação dos dizentes proposta por Souza (2006) e Ataíde (2018). Os autores categorizam o participante dizente, o qual faz a função de sujeito da oração, em sintagma

nominal (SN) de dois tipos: “o SN lexical (SNL), tendo como núcleo um substantivo, modificado ou não; o SN individualizado (SNI), subtipo do SNL, que tem como núcleo um indivíduo”.

Vale salientar que outros contextos de introdução de discurso reportado foram identificados. Além dos *verbos de comunicação*, encontramos no nosso *corpus*, o discurso reportado iniciado pelo uso de travessão, dois pontos (:) e aspas (“). Constatamos que há uma grande variação por parte dos jornais, pois as três formas assumem a mesma função textual: introduzir discurso de *outrem* (ATAÍDE; TRAVASSOS (2018)). No entanto, o que consideramos para análise foram trechos dos discursos reportados iniciados explicitamente por verbos do universo semântico do dizer numericamente mais frequentes nas notícias, tais como: *dizer, afirmar, relatar, retrucar* e falar.

3. AS OCORRÊNCIAS DOS PROCESSOS VERBAIS

Na análise das notícias, identificamos 5 tipos de ocorrências dos processos categorizados como verbais: *afirmar, dizer, declarar, informar, comentar*. A tabela abaixo resume o quantitativo dessas ocorrências no *corpus*:

Tabela 1: Ocorrências dos processos verbais

Tipos de verbos de comunicação	Ocorrências	
	Quantidade	%
Dizer	53	45%
Afirmar	52	44%
Comentar	6	5%
Informar	4	3%
Declarar	3	3%
TOTAL	118	100%

Fonte: Autoria própria

Conforme a tabela 1, os processos *afirmar* e *dizer* foram os mais significativos. Esses representaram 89% dos dados contabilizados. Foram no total, 52 e 53, respectivamente. Encontramos esses verbos indicando a inclusão ora o discurso direto, ora o indireto. Os trechos a seguir exemplificam essa análise:

(1) Em conversa preliminar na noite de segunda-feira com o vice-presidente Michel Temer (MDB-SP), Dilma *afirmou* que precisa contemplar outros aliados, como PTB, Pros e PSD, e evitar que eles migrem para o campo da oposição. No encontro, a presidente *disse* que o PSD de Gilberto Kassab está subrepresentado, e que PTB e Pros ainda não tem cargos no primeiro escalão. Ambos ficaram de falar novamente. (Folha de São Paulo, 14 de janeiro de 2014)

(2) O que eu quero deixar claro é o meu apreço pela senadora Marina Silva. Tenho apreço e admiração por ela desde o tempo em que era ministra, pela sua postura e maneira de ser. Fiquei até preocupado quando não saiu a Rede e a possibilidade de ela não participar do processo eleitoral — *afirmou* o governador paulista. — O diálogo está mantido até surgir um fato novo. O governador fez questão de dizer que tem apreço pessoal pela senadora Marina e que veto talvez não seja a palavra correta para esse caso. Há sim a busca por uma candidatura própria, o que é legítimo, por parte do PSB, mas, se isso não se consolidar, desejamos tê-los conosco — *afirmou* o presidente do PSDB em São Paulo, Duarte Nogueira. (O Globo, 06 de janeiro de 2014)

No exemplo (1), o fato noticiado se refere à insatisfação do MDB, partido da base aliada do governo federal, com a presidente da República Dilma Rousseff. Nesse caso, o participante *Verbiagem* do processo *afirmar* é codificado pelo discurso indireto “*que precisa contemplar outros aliados, como PTB, Pros e PSD, e evitar que eles migrem para o campo da oposição*” e o participante *Dizente* por Dilma Rousseff. Em (2), há reincidência do verbo *afirmar*. Mas diferente do contexto anterior, encontra-se o participante *Verbiagem* codificado em discurso direto.

Os verbos *informar*, *declarar* e *comentar* representaram 11% das ocorrências. Outros verbos semanticamente referentes ao universo do dizer também foram encontrados: *acrescentar*, *alertar*, *adiantar*, *completar*, *argumentar*, *concluir*, *revelar*, *confirmar*, *ironizar*, *garantir*, *alfinetar*, *disparar*, *questionar*, *retrucar*, *defender*, *comemorar* e *destacar*. O exemplo (4) ilustra esse contexto de uso dos verbos:

(3) O presidenciável socialista *disparou* contra os que, segundo ele, torcem pelo insucesso da aliança com o grupo da Rede Sustentabilidade, liderado por Marina. “Há um desejo de que essas coisas não deem certo. Tem muita gente que deseja muita coisa e não consegue. Não vão conseguir essa, por exemplo”, *alertou*. (Folha de Pernambuco, 14/01/2014)

Esses verbos apresentaram, nos contextos analisados, usos associados ao universo semântico do dizer/de comunicar algo.

3.1. A SEMÂNTICA DOS VERBOS *AFIRMAR* E *DIZER*

Os processos verbais *afirmar* e *dizer*, apesar de compartilharem da mesma natureza comunicativa e aparentemente terem o mesmo significado nos contextos analisados, podem apresentar modalizações distintas. De acordo com o Dicionário Aurélio, de Ferreira (1999), o significado de *afirmar* está relacionado a: “tornar firme, consolidar; declarar com firmeza; sustentar; certificar, atestar”. O *dizer*, segundo o mesmo dicionário, é: “expressar por palavras ou por escrito, ou de outro modo; proferir; recitar; contar, narrar”. Quando utilizados no gênero notícia, esses dois verbos estão associados semanticamente à indicação da voz do outro. No entanto, o uso deles parece evidenciar modalizações diferentes a respeito do fato comunicado.

O processo verbal *afirmar*, como pode ser visto em (4), ocorre quatro vezes e conforme nossa análise, traz um grau mais elevado de certeza, mais precisão em relação à afirmativa da voz do outro e, conseqüentemente, à notícia. Parece-nos que o processo revela um julgamento mais incisivo e assertivo a respeito do fato noticiado, como pode-se conferir no exemplo a seguir:

(4) Vice-presidente do PT, Alberto Cantalice *afirmou*, nesta quarta-feira, que artigo veiculado na conta do partido no Facebook com ataques ao pré-candidato do PSB à Presidência da República, governador Eduardo Campos (PE), não reflete posição oficial da direção petista. A publicação causou reação no PSB. Desde sua divulgação, Campos e o líder do partido na Câmara, Beto Albuquerque, se manifestaram sobre as críticas e rebateram os ataques. O governador *afirmou* que é “duro na queda”, não sucumbirá aos ataques e disse que vai ignorar as críticas. [...] Após a publicação do texto petista, Beto Albuquerque, divulgou nota rebatendo as críticas do PT. Ele *afirmou* que o partido se tornou uma “seita fundamentalista”. (O Globo, 08 de janeiro de 2014)

Já o processo *dizer* está mais ligado a uma proposição do *dizente* que, sem muito comprometimento, dá abertura para voz do outro, porém com um comprometimento menor, como mostra o exemplo (5):

(5) Em almoço no Palácio Guanabara, o governador Sérgio Cabral (MDB) e outros dirigentes da legenda *disseram* a Temer que, se a candidatura de Lindbergh tivesse disparado nas pesquisas eleitorais, Pezão desistiria; mas não é esse o caso, argumentaram. [...]. O presidente do MDB do Rio, Jorge Picciani, *disse* que, em nome da aliança, Cabral pode abrir mão da candidatura ao Senado. "O governador colocou seu nome à disposição do partido para disputar o Senado, mas tem colocado internamente que a prioridade é vencer as eleições para governador e manter a parceria nacional entre PT e MDB e estadual MDB-PT", *disse*. "Portanto, abre aí a possibilidade (de Cabral não concorrer ao Senado), por mais que tenha o esforço de seus companheiros de que ele não deva abrir mão." (O Estado de São Paulo, 13 de janeiro de 2014)

Como vimos, o processo verbal *dizer* foi encontrado três vezes e percebemos que essas ocorrências podem indicar que esse recurso linguístico, no qual o nível de comprometimento é menor, em relação ao processo *afirmar* na notícia, não oferece o mesmo grau de veracidade do dizer do outro. Essa constatação é relevante para nossa investigação, que busca encontrar marcas de subjetividade no gênero. Sendo assim, apontamos os usos dos processos verbais “*afirmar*” e “*dizer*”, como um indício de traços subjetivos, pois não são empregados por acaso e demonstram que a sua realização semântica no texto noticioso atende a circunstâncias distintas dos verbos de comunicação linguística, como já mencionadas. Na próxima seção, trataremos das funções desempenhadas pelos processos verbais investigados no gênero notícia.

3.2. PROCESSOS VERBAIS E SUAS FUNÇÕES

Ataíde (2008) apresenta quais as funções que os processos verbais do dizer podem assumir na notícia. Nas palavras do autor, esses processos “têm a função de ratificar informações, comprovar dados e até desresponsabilizar ações”. Sendo assim, investigamos os processos do dizer a partir das três funções discursivas, a saber: 1) ratificar informações, 2) responsabilizar o dizente (desresponsabilizar ações) e 3) estratégia de engajamento. A tabela 2 apresenta detalhadamente as ocorrências dos processos verbais *afirmar* e *dizer* utilizados nas notícias que compõem nosso *corpus*, de acordo de suas funções.

Tabela 2: Funções discursivas dos processos verbais *afirmar* e *dizer*

Função 1: Ratificar informações	N	%
Afirmar	23	44
Dizer	21	40
Função 2: Responsabilizar o dizente	N	%
Afirmar	23	44
Dizer	30	57
Função 3: Engajamento	N	%
Afirmar	6	11
Dizer	2	3

Fonte: Autoria própria.

Como indicado nas tabelas 2, encontramos, no nosso *corpus*, 15 notícias nas quais os processos verbais *afirmar* e *dizer* foram utilizados com o propósito de comprovar dados. Nessa estratégia, a introdução do discurso reportado tem a função de ratificar informações, ou seja, é utilizada para confirmar o que se noticia os fatos. O exemplo (6) ilustra nossa análise:

(6) O grupo político de Marina vai defender junto ao PSB que sejam lançadas candidaturas próprias nos principais Estados. "É preciso ter uma boa arquitetura política nos Estados para que se dê condição, sustentação à candidatura presidencial", afirmou Bazileu Margarido, coordenador-executivo da Rede. Até 30 de janeiro, o PSB quer fechar documento para nortear as alianças estaduais. (Folha de São Paulo, 14 de janeiro de 2014)

O exemplo acima noticia os bastidores da sucessão eleitoral no *Estado de São Paulo* e do país. O PSDB articula o apoio do PSB na eleição estadual, mas a ex-senadora Marina Silva (PSB) e integrantes da Rede (partido não oficializado pelo TSE) defendem uma candidatura própria, assim como em outros estados onde o Partido Socialista Brasileiro oferece uma nova alternativa aos eleitores. Para aceitar essa condição, o presidente da sigla, governador de Pernambuco e presidenciável Eduardo Campos (PSB) define que é preciso Marina se decidir sobre seu futuro político nas eleições de 2014. A ocorrência do processo afirmar em (6) segue a ordenação: *Verbiagem + Processo Verbal + Dizente*. A *verbiagem* é o discurso reportado (*É preciso ter uma boa arquitetura política nos Estados para que se dê condição, sustentação à candidatura presidencial*) e o dizente é representando pelo sintagma nominal individualizado (SNi) Bazileu Margarido. Neste contexto, prevaleceu a estratégia do autor da notícia introduzir a voz de outro participante com a função de reforçar o que foi noticiado: *"O grupo político de Marina vai defender junto ao PSB que sejam lançadas candidaturas próprias nos principais Estados"*.

Em relação à função 2, verificada como uma estratégia para responsabilizar o dizente, encontramos nesse *corpus* 13 notícias com ocorrências dos processos verbais *"afirmar"* e *"dizer"*. O processo *"afirmar"* apareceu 27 vezes, 51%. O

processo “dizer” foi empregado em 23 ocasiões, o que equivale a 48%. O propósito de transferir responsabilidades a partir do uso da voz do outro no gênero notícia se constituiu em mais de 40% nos dados analisados. Com isso, podemos afirmar que não há um hiato, em grande proporção, quando comparado a função 1. Isso acontece porque é uma estratégia que serve para demarcar um limite entre o que é noticiado, com base nas fontes, averiguação das informações e comprovação dos fatos, e um possível posicionamento por meio da inserção do discurso reportado. Essa passagem de responsabilidade dada à voz do dizente pode ser interpretada como uma marca sutil de opinião que, em uma leitura rápida da notícia no jornal, pode passar despercebida pelo leitor, ao mesmo tempo em que pode servir como referência para a construção de uma opinião. As notícias mais polêmicas, com temas de grande repercussão tendem a fazer uso dessa estratégia, expressada aqui como função 2, como veremos no exemplo (7) a seguir:

(7) [...]Depois de o líder do PSB na Câmara, Beto Albuquerque, rebater os ataques, o próprio Campos *afirmou* ser “duro na queda” e não sucumbir a ataques e ironizou as afirmações petistas. Na resposta, Campos *diz* que “enquanto os cães ladram” a sua caravana passa” e qualifica de “covarde” o artigo sem assinatura que o acusa de ser um “tolo” e traidor da aliança com o PT para abraçar a oposição. O artigo vem gerando acalorado debate nas redes sociais desde ontem. Antes da resposta de Campos, o líder do partido na Câmara, Beto Albuquerque, divulgou nota rebatendo as críticas do PT. Ele *afirmou* que o partido se tornou uma “seita fundamentalista”.
“A nota revela que a parcela que hoje domina o PT perdeu completamente seu espírito republicano, abandonou seu norte político e transformou-se numa seita fundamentalista que ataca qualquer um, mesmo sendo um importante ator do campo das esquerdas, que discorde em qualquer medida da atual condução política e econômica do país e das velhas práticas políticas que se assiste em Brasília”, *afirmou* Albuquerque, em nota divulgada hoje. “Fica evidente o desespero da direção do PT frente à discussão democrática do PSB em ter candidato próprio à Presidência da República em 2014. Tal desespero só demonstra a força das ideias e do debate que o PSB está propondo, sendo a real alternativa para que o Brasil avance nas mudanças que o povo brasileiro clama e precisa”, *afirmou* Albuquerque. [...] (O Globo, 08 de janeiro de 2014)

O exemplo (7) noticia a conturbada relação do governador presidenciável de Pernambuco, Eduardo Campos, com o PT. O processo verbal *afirmar*, utilizado no primeiro parágrafo da notícia, aciona para a voz do dizente, Eduardo Campos, colocada entre aspas, “duro na queda”, mais “e não sucumbir a ataques e ironizou as afirmações petistas”. No parágrafo seguinte, ocorre o mesmo. O dizente continua sendo Eduardo Campos, o processo verbal “dizer” e o discurso reportado entre aspas (em negrito) é a *verbiagem*. A notícia ainda traz um segundo participante dizente, o deputado federal Beto Albuquerque.

Como pudemos verificar nesse exemplo são várias as recorrências dos processos verbais para apontar a o que foi dito por eles. Esse caso corrobora com a nossa linha de investigação de que, na verdade, o uso da *verbiagem* nessa notícia é uma estratégia textual, pois obedece a um propósito de desresponsabilizar o autor ou o veículo de comunicação enquanto atribui apenas ao dizente a responsabilidade do que ela vai noticiar. Sendo assim, encontramos outra possibilidade de se produzir o gênero textual noticioso sem a pretensa objetividade que se apregoa como característica fundamental da notícia. Ou seja, a inclusão do discurso reportado alinhada à essência do dizer dos processos verbais funciona como um elemento sutil de indução, no sentido de influenciar, para o que a notícia quer apresentar e que em uma leitura superficial não é identificada, mas,

muitas vezes, é decisiva para a constituição de uma opinião do seu receptor, nesse caso o leitor de notícias (ATAÍDE; TRAVASSOS (2018).

Nos dados levantados, a função de engajamento ocorreu em apenas duas notícias, o que representa 6,67% do total. O processo verbal *afirmar* foi empregado 6 vezes (11%) e o *dizer* apareceu 2 vezes (3%). A função de engajamento no gênero noticioso está ligada à assimilação e até ao juízo de valor por parte do autor da notícia. O exemplo (8) evidencia como a função 3 se realiza:

(8) No encontro, a presidente *disse* que o PSD de Gilberto Kassab está subrepresentado, e que PTB e Pros ainda não tem cargos no primeiro escalão. Ambos ficaram de falar novamente. [...]. No mês passado, durante encontro com jornalistas, ele havia *dito* que, se o MDB seguisse esse caminho, não haveria volta. À época, *afirmou* que a legenda não poderia antecipar a convenção, desembarcar do governo, ser atendido e, então, fazer outra convenção para voltar. Ele também *afirmou*, à época, que tal manobra poderia custar a vice ao MDB, o que não seria vantajoso para a sigla – e muito menos para ele. (Folha de São Paulo, 14 de janeiro de 2014)

A notícia analisada informa sobre a reclamação de pemedebistas direcionada à presidente Dilma por mais espaço no governo através de nomeações para a equipe ministerial, tendo como articulador o vice-presidente, que pertence ao MDB, Michel Temer. Nesse exemplo, a ocorrência muito frequente de os processos *afirmar* e *dizer* codificando o discurso indireto evidencia à função de engajamento.

Torna-se mais evidente essa função, na última frase, quando o jornalista se vale de recurso que poderia passar despercebido no processamento da informação. Depois de inserir dos discursos indiretos, a notícia é finalizada com o sinal de hífen. Esse recurso gráfico separa o discurso reportado de uma nova proposição, a qual não é afirmada pelo dizente, e sim por quem a escreveu: “*Ele também afirmou, à época, que tal manobra poderia custar a vice ao MDB, o que não seria vantajoso para a sigla – e muito menos para ele*”. O que o dizente afirmou é que se não houvesse um entendimento entre eles (MDB e PT) o seu partido (MDB) poderia ficar em desvantagem. O que vem depois não pertence à voz dele. Ou seja, é uma maneira de assimilar o que o dizente disse para inserir algo que está dito apenas nas entrelinhas, no implícito, nesse caso, a perda do cargo de vice-presidente do dizente, que quando colocado na notícia (*– e muito menos para ele*) se apresenta como uma afirmação feita pelo participante dizente. É uma estratégia de parentetização para chamar atenção do julgamento do dizente. A função de engajamento, neste exemplo, se dá justamente pela possibilidade de demonstrar veladamente uma opinião do autor da notícia. Ele assimila a informação, transforma-a no gênero e com sutileza exprime juízo de valor a respeito do que é noticiado. Sendo assim, percebemos o engajamento ou envolvimento da notícia ou de quem a escreve com o que é informado, quando essa relação não deveria existir em um gênero que se define como objetivo e imparcial.

3.3. A REPRESENTAÇÃO DO DIZENTE DOS PROCESSOS AFIRMAR E DIZER E A ORDENAÇÃO DOS CONSTITUINTES

Outro dado relevante que podemos adicionar a nossa investigação é como *dizente* é representação. Para analisar esse tipo de participante dos processos verbais, utilizamos a classificação dos dizentes proposta por Souza (2006) e Ataíde

(2018). Identificamos os dizentes como SN lexical (SNL), tendo como núcleo um substantivo, modificado ou não; o SN individualizado (SNI), subtipo do SNL, que tem como núcleo um indivíduo”. A investigação a respeito da representação do dizente nas notícias que fazem parte do *corpus* analisado foi importante porque quando o dizente aparece individualizado (SNI) ou representado por uma instituição (SNL) é possível interpretar que o uso desse recurso tem por finalidade confirmar os propósitos das três funções discursivas já vistas anteriormente. Os exemplos (9) e (10) demonstram essa representação.

(9) Questionado sobre a relação do PSB com a Rede, o governador disse que o diálogo ocorre o “mais fraterno possível e com muita tranquilidade”. (Jornal do Commercio, 13 de janeiro de 2014)

(10) “O PSDB não elegeu o governador Eduardo Campos (PSB). O PSDB vem numa aliança político eleitoral. Muito mais eleitoral do que política”, afirmou Oscar, em entrevista ao programa Folha Política, da Rádio Folha FM 96,7, ao ser questionado se lhe incomoda estar no mesmo governo que os tucanos. (Folha de Pernambuco, 14 de janeiro de 2014)

A tabela 3 apresenta os resultados de ocorrências dos SNs no nosso *corpus*. Constatamos, no total, 90% dos *dizentes* eram representados por sintagmas individualizados.

Tabela 3: Representação dos dizentes dos processos *afirmar* e *dizer*

Sintagmas Nominais/Dizentes				
Processos Verbais	SNL	%	SNI	%
Afirmar	5	9,7	47	90,3
Dizer	3	5,6	50	94,4

Fonte: Autoria própria.

A opção por nomear os dizentes por meio de SNis funciona como uma estratégia para reforçar as funções discursivas de ratificar dados e fatos e de (des)responsabilizar ações. Em (9), o dizente é o governador de Pernambuco Eduardo Campos e a verbiagem (“que o diálogo ocorre o “mais fraterno possível e com muita tranquilidade”) vem comprovando uma informação já dada antes. No exemplo (12), o *dizente* também é um SNI, Oscar Barreto, mas a verbiagem é utilizada para responsabilizá-lo por sua declaração.

Encontramos, em menor proporção nos nossos dados, a nomeação do dizente categorizado com um SNL como ilustram os exemplos (11) e (12). As ocorrências representaram 10% e 5% com os processos *afirmar* e *dizer* respectivamente.

(11) *O CNJ afirma*, ainda, que segundo os dados de 2012, 48,9% da população carcerária era de condenados e acusados por crimes contra o patrimônio, como furto, roubo, extorsão, receptação e estelionato. (Diário de Pernambuco, 14 de janeiro de 2014)

(12) Na carta de trabalho, a empresa informou que Lamas foi aceito para trabalhar pela grande experiência na área financeira. “Foi fundamental para a nossa escolha a sua grande experiência nessa área, destacando-se sua pró-atividade, boa comunicação, saber lidar com números, saber trabalhar sob pressão, capacidade de organização, dinamismo e metodologia”, diz a empresa. (Jornal do Commercio, 13 de janeiro de 2014)

Nesse exemplo (11), podemos identificar a atuação do processo verbal *afirmar* trazendo a voz de uma instituição, o CNJ, participante dizente por meio de uma organização sintagmática, classificada como SNL. Em (12), não há uma tentativa de nomear o dizente, ele aparece como um SNL, pois quem diz é a empresa, a organização. Esse exemplo classificamos como pertencente a função 1, posto que o processo verbal e a *Verbiagem* são empregados para confirmar o que já foi noticiado antes.

De acordo com as nossas constatações, podemos afirmar que os processos verbais investigados “*afirmar*” e “*dizer*” apontam para um uso mais específico dos SNs para se referirem aos dizentes e, conseqüentemente, para o que eles dizem, concebido como *verbiagem*. Os SNis, ultrapassando a casa dos 90% dos dois processos verbais, indicam que seus usos servem para identificar o dizente e seus discursos. O uso dos SNis é mais utilizado porque tratam de fatos mais concretos do noticiário político e, por isso, são representação de uma ação humana, de comunicar. Já os SNLs ocorrem com menos frequência porque os *dizentes* são ilustrados metonimicamente como entidades representativas de classe de profissionais e não como seres humanos. Por ser assuntos da política, essas entidades têm poucas ocorrências. Nossos resultados quanto ao uso do SNLs dos processos de comunicar corroboram com o estudo de Ataíde (2008). Em seus resultados, o autor confirma que o uso de SNLs está mais concentrado nas notícias sobre economia e vida urbana, em maior escala e menor em notícias sobre a temática política. Dado que se comprova também com nossa investigação.

Sobre a ordenação desses representantes, constatamos uma variação da ordenação sintática. Por vezes, o SN na função de sujeito dizente é colocado à direita do verbo (65%) ou à esquerda (35%). Na maioria das ocorrências analisadas, as construções se apresentaram em discurso direto/indireto com configuração OVS, como ilustra o exemplo (12): *saber lidar com números, saber trabalhar sob pressão, capacidade de organização, dinamismo e metodologia*”, diz a empresa.

Tabela 4: Ordenação sintática das construções com processos *afirmar* e *dizer*

Processos Verbais	SVO	OVS
Dizer	18/17%	35/34%
Afirmar	19/18%	31/31%
TOTAL	37/35%	66/65%

Fonte: Autoria própria.

Na organização discursiva da notícia investigada, o trecho do discurso é estrategicamente colocado em destaque para depois indicar a autoria do discurso reportado por meio dos verbos *afirmar* e *dizer* (ATAÍDE, 2016). A construção sintática com sujeito posposto o tipo Objeto (O) Verbo (V) Sujeito (S) é a ordem mais utilizada nos dados analisados. Essa forma de ordenar os constituintes da oração aparece com intuito de trazer para atenção do leitor a informação que irá colaborar ou refutar os discursos apresentadas na notícia.

CONCLUSÕES

Como já vimos, as funções assumidas pelo gênero notícia podem revelar que parece não ser possível defender que o texto noticioso é objetivo, neutro e capaz de reproduzir fatos e acontecimentos com a precisão pretendida. A reprodução da voz do participante *dizente* nas notícias dos jornais que compõe nosso *corpus*, seja por meio do discurso direto ou indireto, só confirma nossa postulação de que esse recurso, por si só, já pode ser considerado como mais um elemento subjetivo do gênero, pois a seleção do trecho do discurso que será introduzido é feita por quem o escreve. Não são colocadas partes aleatórias, até mesmo para preservar a coerência do texto. Mas, quem define o discurso reportado a ser utilizado é o autor da notícia.

Os nossos dados confirmam que as funções, categorizadas nesse trabalho como a função de: 1) ratificar informações; 2) (des)responsabilizar ações do *dizente* e 3) engajar estrategicamente o *dizente*, também revelam as marcas de opinião, pois são estratégias sutis que são utilizadas conforme as pretensões do jornalista. Os processos verbais “*afirmar*” e “*dizer*” aparecem em quase 90% das ocorrências dos verbos ligados à natureza do dizer, da comunicação e servem a todo instante para que essas funções sejam realizadas.

Para concluir, ressaltamos que os resultados obtidos a partir da nossa investigação comprovam que os elementos linguísticos estudados atuam lado a lado com a prática discursiva do gênero notícia revelando, assim, o caráter subjetivo que pode ser encontrado no texto. Compreendemos que nosso objetivo foi alcançado e que podemos corresponder às expectativas em relação às questões que o envolveu. Não obstante, temos a consciência de que é possível fixar outras análises e permear outras possibilidades de interpretação.

The transitivity of the verbal process to *say* and to *affirm* the construction of opinion in journalistic news

ABSTRACT

This article presents an analysis of the transitivity verbal process to *say* and to *affirm* from the systemic-functional perspective with the purpose of eviding how the insertion of these verbs in the news can reveal argumentative strategies that deny the informative character of this genre. To perform the analyses, we constituted a corpus formed by 105 occurrences of verbs linked to the nature of the saying taken from six Brazilian newspapers. We verified that the processes *affirm* and *say* appear in 89% of the occurrences and serve to meet the strategies of vehicular opinions and construct argumentation around the news fact. We found that the use of these verbs fulfills the function of: 1) ratify information; 2) take responsibility for actions and 3) engage the author.

KEYWORDS: News. Transitivity. Process *say* and *affirm*. Systemic-functional linguistics.

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, C. A. **O comportamento sintático-semântico da categoria sujeito em títulos jornalísticos**: uma abordagem funcionalista. João Pessoa: UFPB, Programa de pós-graduação em Linguística (Proling), 2008. (Dissertação de mestrado)

_____. Uma abordagem sistêmico-funcional da categorial gramatical de sujeito. In: **Interdisciplinar**: Revista de Estudos em Língua e Literatura, vol. 12, 2010, p. 227-243.

_____. Nem tudo que reluz é outro: as construções VS para além do estatuto da informatividade do SN-sujeito. In: **Forma e conteúdo**: estudos de sintaxe e semântica do Português. João Pessoa: Ideia, 2016, p. 225-251.

_____. TRAVASSOS, Tarcísia. A notícia de jornal entre a conservação e inovação: tradições discursivas e história da língua. In: ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; GOMES, Valéria S. **História do português brasileiro e tradições discursivas do português brasileiro**: a constituição e mudança dos gêneros discursivos. São Paulo: Contexto, 2018.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa: século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. C. **Introducion to functional grammar**. London: Arnold, Third Edition, 2004.

Manual de redação: Folha de São Paulo. São Paulo, 2002. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_introducao_1.htm. Acesso: em 06 de dez. 2013

Manual de redação Jornal do Commercio. Disponível em: <http://www.diariocarioca.com.br/manual-2.htm>. Acesso em: 06 de dez. 2013

MARTINS E FILHO, E. **Manual de redação de estilo de O Estado de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MELO, J. M. de. Classificação dos gêneros jornalísticos. In: MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2ª edição rev. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 36-66.

NASCIMENTO, E.P.; **Jogando com as vozes do outro**: argumentação na notícia jornalística. Erivaldo Pereira do Nascimento. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

Princípios editoriais das organizações Globo. Rio de Janeiro, 2011, Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>. Acesso em: 06 de dez. 2019

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

Van DIJK, T.A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

Recebido: 12 jun. 2019

Aprovado: 07 nov. 2020

DOI: 10.3895/rl.v22n39.10235

Como citar: SOUZA, Thyago André; ATAÍDE, Cleber. A transitividade dos processos verbais *afirmar* e *dizer* e a construção de opinião no gênero notícia. *R. Letras*, Curitiba, v. 22, n. 39 p. 66-81, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfrpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

